**REFLEXÕES SOBRE O ÊXITO ESCOLAR: A RELAÇÃO EDUCADOR E EDUCANDO**

Juliani Suellem Kelly do Nascimento – mestranda POSEDUC/UERN

Email: [juliani.nascimento@hotmail.com](mailto:juliani.nascimento@hotmail.com)

Sara Cristina do Couto Silva – mestranda POSEDUC/UERN  
Email: [sarinhacouto1@gmail.com](mailto:sarinhacouto1@gmail.com)

Me. Maria Cleoneide Soares  
Email: [cleoneide\_s@hotmail.com](mailto:cleoneide_s@hotmail.com)

Drª Hostina Maria Ferreira do Nascimento  
Email: hostinanascimento@hotmail.com.br

**RESUMO**

O presente trabalho retrata uma abordagem acerca dos fatores que contribuem para o êxito escolar, com foco em alguns elementos que perpassam a relação do educador e do educando, e que se configuram primordiais para uma educação e um ensino crítico. Desta relação surgem desafios e conquistas a serem alcançadas, que corroboram para uma prática docente emancipatória. O artigo está embasado nas obras do educador Paulo Freire, sobretudo em sua obra Pedagogia da Autonomia (1996), na intenção de tornar possível uma mediação pedagógica pautada no amor, no despertar critico do alunado, estimulando a sua busca e inserção social. A pesquisa é qualitativa de caráter bibliográfico baseado em Gil (2008). Sabe-se que o educador não é apenas um mediador, mas um sujeito que pode viabilizar a transformação da realidade social do educando, sobretudo na contextualização do senso comum com a *práxis* por meio do diálogo e troca de experiências mútuas. Os resultados deste estudo proporcionam uma reflexão pertinente para os docentes, no enfrentamento das adversidades cotidianas, vivificando o sentido de uma prática pedagógica libertadora, capaz de transformar realidades difíceis em possibilidades de conquistas.

**Palavras-chaves:** Prática docente. Dialogicidade.Emancipação dos sujeitos.

**INTRODUÇÃO**

O êxito escolar é um assunto relevante, passível de discussões, e emergencial pelo fato real de muitas pessoas não conseguirem concluir os estudos. Fato este que se dá em vários tipos de realidade e justificadas por diversos acontecimentos que ocorrem ao longo da vida das pessoas, sobretudo das que estão à mercê de precárias condições sociais, o que as impede de alcançar o nível escolar, normalmente, propulsor da realização social.

Esta temática se evidencia pela busca de problematizações que visa reunir experiências que colaborem para a construção do conhecimento e que venham amenizar o desprezo dos estudantes frente à escola. Pesquisas são realizadas e algumas hipóteses são levantadas sobre quais elementos, por parte da escola, são significantes para que o aluno permaneça frequentando este espaço de forma ativa e não apenas de corpo presente~~.~~

O professor, agente da partilha de conhecimento em sala de aula e sujeito com o qual o aluno passa parte do tempo na dinâmica dos aspectos educativos, por muitas vezes, é responsabilizado pela evasão escolar. Por outro lado, a família parece apresentar uma parcela de responsabilidade e de influência, quando não incentiva ou acompanha o aluno, e na prática negligencia o apoio e despreza o diálogo enquanto dispositivo educativo.

Consideramos ainda que o ambiente social em que o aluno está inserido contribui para sua permanência na escola ou não. Porém, a força de vontade, idiossincrática de cada sujeito, parece ser o elemento fundamental que alimenta a superação e a resiliência necessária a cada dia para permanecer e galgar novos patamares por meio dos estudos.

O Brasil, país emergente, de economia relevante frente aos países industrializados do mundo, possui milhões de analfabetos e jovens que não chegaram se quer a concluir o ensino médio. Uma massa de jovens e adultos desempregados, que quando crianças/adolescentes não encontraram na escola o sentido necessário para nela permanecer, e que na vida adulta o sustento próprio e da família tornam o retorno às salas de aula ainda mais improváveis.

A economia brasileira sofre a influência da falta de mão de obra qualificada e todo o país, em consequência dos baixos índices de escolaridade da população, amarga a convivência com a violência, desemprego, tráfico de drogas, altas taxas de natalidade entre adolescentes, más condições de saúde entre outros problemas vividos pela sociedade moderna.

É importante enfatizar que este trabalho não visa julgar os profissionais da educação, no sentido de depositar nestes a culpa pelo fracasso escolar. Contudo, há a necessidade de compreensão do papel docente e seus reflexos no trilhar dos seus discentes.

Diante das considerações acima realizadas, nos indagamos dentro desta temática até que ponto a relação educador e educando favorece ou impede o êxito escolar? Que elementos interferem de forma significativa na vida do alunado com a vivência de práticas escolares que promovam a emancipação dos sujeitos? Ou quais os impactos da ação pedagógica no cotidiano escolar frente à precariedade do sistema a nível de país, que se arraigou em sua história um ensino bancário, que não leva em consideração a contextualização da massa da população carente?

O aluno que conclui o ensino médio, e recebe um certificado de conclusão, não significa que este certificado garanta a compreensão da relação do que fora discutido em sala de aula, que o mesmo não seria somente um corpo presente que copiava e reproduzia o que o professor lhes transmitia. É pertinente refletir se o aluno que concluiu o ensino médio, sabe ler e escrever, se dialogou com seus mediadores, questionou informações em sala de aula, problematizou e trouxe seu posicionamento sobre determinado dado. O aluno exitoso deve ser um sujeito cidadão que reconhece seus direitos e deveres em meio a sociedade em que vive, é presença atuante no mundo e com o mundo.

Esses questionamentos serão permeados por este artigo que pretende tecer discussões sobre que tipo de êxito estamos discutindo, um êxito individual atestado por meio de notas em um histórico escolar, ou êxito de toda uma nação alcançado a partir de práticas pedagógicas libertadoras que colaboram para o desenvolvimento de crianças/adolescentes/jovens conscientes e atentos a realidade que os cerca, enquanto sujeito que podem transformar e não se acomodar ao mundo.

O estudo é qualitativo e tem caráter bibliográfico baseado em Gil (2008, p. 50) que diz: “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Tendo como primeira ação da pesquisa a leitura de textos de Bernard Charlot, que discutem a relação do saber com as práticas educativas; e principalmente, do Paulo Freire com seus escritos, pesquisas e experiências sobre a educação libertária e problematizadora, realizamos uma análise documental com vistas a promover a reflexão e a construção de dados complementares sobre quais elementos permeiam o sentido da expressão ‘êxito escolar’.

**DESENVOLVIMENTO**

Frente à necessidade que urge em nosso país diante das melhorias necessárias à educação, destacamos uma reflexão sobre o que consideramos como êxito escolar, essencial para que políticas públicas sejam melhor direcionadas para que haja não só a permanência do aluno em sala de aula, mas que esta seja uma estadia de qualidade.

Partimos do princípio que a educação deve ser encarada como “[...] um triplo processo: um processo de humanização, de socialização, de subjetivação/singularização.” (CHARLOT, 2014, p.77). A maioria dos problemas dos mais básicos aos mais complexos da nossa sociedade perpassa pela educação.

A relação que temos com o mundo, com o outro, consigo mesmo, como enfrentamos as dificuldades, como nos moldamos enquanto sujeitos responsáveis por nossas atitudes, que refletirão em nossas vidas e na vida de outros, são compreensões que temos a partir de reflexões individuais ou coletivas.

O circuito de ação-reflexão-ação proposto por Freire (2005, p. 89) é uma prática que precisa ser considerada em sala para que possamos ter alunos pensantes, que questionam e problematizam, e emitem suas próprias opiniões. Desta maneira:

A formação pode estimular o desenvolvimento profissional dos professores, no quadro de uma autonomia contextualizada da profissão docente. Importa valorizar paradigmas de formação que promovam a preparação de professores reflexivos, que assumam a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento profissional e que participem como protagonistas na implementação das políticas educativas. (NÓVOA, 1995, p. 27)

Esta formação consiste no processo contínuo no aprimoramento da essência profissional que se faz necessária ao ser professor. As ideias freireanas, sobretudo expressas na obra Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa (FREIRE, 1996) propicia elementos que são indispensáveis para uma prática educativa exitosa. Neste sentido, faremos um recorte de alguns trechos com a qual configuraremos a nossa proposta de reflexão.

Cientes da compreensão de que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 1996, p.25), direcionamos o sentido da atuação de professores ao compromisso com a formação crítica dos seus discentes para além da proposta meramente curricular. Há a necessidade de instigar os educandos à compreensão sistemática intrínseca nos eixos curriculares, ou seja, pertinentes ao conhecimento de conteúdos de forma a fazer percebido ao aluno a relação com o seu cotidiano.

De acordo com Freire (1980, p. 33) “para ser válida, toda educação, toda ação educativa deve necessariamente estar precedida de uma reflexão sobre o homem e de uma análise do meio de vida concreto do homem a quem queremos educar”. Desta forma, é interessante destacar que a prática docente deve pairar na contextualização do seu alunado, de maneira que tais ações pedagógicas e as relações de ensino e aprendizagem não se tornem excludentes. Então,

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? (FREIRE, 1996, p. 33)

Podemos exemplificar esta prática como: existe a ação do aluno de observar o que está sendo proposto pelo professor; em um segundo momento, há um diálogo com questionamentos e observações sobre aquilo que fora explanado; e por último culmina na ação diante da construção de um novo conhecimento, uma elaboração coletiva. Deste modo, “não há que considerar perdido o tempo do diálogo que, problematizando, crítica e criticando, insere o homem em sua realidade como verdadeiro sujeito da transformação” (FREIRE, 1985, p. 22).

Investir na partilha de saberes, é abrir oportunidade para o amadurecimento humano que se dá com as relações entre seres humanos que observam, refletem e atuam sobre o mundo. A educação libertadora, emancipadora, colabora para ‘moldar’ homens pensantes, que criam e recriam e não para ‘formar’ (lembra uma forma única) pessoas que repetem e reproduzem ideias de outros.

Apresentar a situação real do homem no mundo é tão importante quanto a leitura da palavra. Para que investir no êxito escolar, se o aluno percebe que em sua comunidade o traficante possui uma boa casa e um bom carro mesmo infringindo a lei? Ter êxito escolar, passar de ano, da forma que é divulgado na escola, é chegar até a universidade e ter um diploma, emprego, status. Para o aluno que está envolvido em situações de vulnerabilidade, o tráfico de drogas é o caminho mais rápido e fácil.

Problematizar situações da realidade abre a mente do aluno para o engodo do atalho, [...] “aos homens se lhes problematiza sua situação concreta, objetiva, real, para que, captando-a criticamente, atuem criticamente, sobre ela” (FREIRE, 1985, p. 4). Somente o sujeito que se conscientiza da realidade a que está imerso pode agir para transformar o mundo que está ao seu redor. Neste sentido a rigorosidade metódica tratada por Freire convida ao compromisso com os elementos pertinentes a prática exitosa. Logo,

[...] esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso “bancário” meramente transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo. É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. (FREIRE, 1996, P. 28)

Para isto, além de fazer sentido para o aluno, a escola precisa ser um lugar de sentido. O êxito escolar será uma constante quando a escola passar a ser um ambiente de convivência, exatamente como é o mundo, com a valorização de práticas de respeito entre educadores/educandos, binômio que na educação transforma-se em um só.

O modelo escolar atual tende a distanciar o professor da convivência íntima com o aluno, ‘coisificando’ o ambiente de aprendizado tornando-o estático e sem vida. O mundo que fazemos parte tem cores, tem movimento, e é o mundo que desperta a curiosidade dos jovens, porque este tem vida, e a escola não pode ser diferente.

Para Freire (1985, p. 5) “O conhecimento, [...], exige uma presença curiosa do sujeito face do mundo”, esta abelhudice necessária à construção do conhecimento está sendo tolhida da sala de aula por uma compreensão errônea de que o aluno só tem a aprender. Acostumamo-nos ao modelo arcaico e alienador do professor que sabe tudo e o aluno que não sabe nada, uma caixa vazia a ser preenchida pela escola com conteúdos programados e que seguem à risca um cronograma curricular.

[...] educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem - por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformado o seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais (FREIRE, 1985, p. 5)

Uma prática escolar exitosa tem início na percepção do corpo docente e discente da horizontalidade dos saberes. O professor tem a consciência que preparou-se para a aula, porém não sabe de tudo, e que o livro é um guia, mas não uma verdade absoluta; e o aluno, interage com o professor de modo a complementar saberes, culminando em novas percepções e ângulos de interpretação não imaginados anteriormente.

A valorização dos saberes discentes em sala, envolvem o aluno que pensa que nada sabe, mas que descobre em uma aula interativa e inovadora que seus conhecimentos de mundo fazem sentido no mundo escolar. Situação que torna a aula interessante, prazerosa e elevam a segurança e autoestima discente.

Chamamos atenção também para a importância de se considerar o contexto histórico-social-cultural a que está inserido o discente. Sem desconsiderar sua importância histórica e política como exemplo a guerra da Síria, na qual morrem centenas de pessoas todos os dias, por que não se discutir a guerra diária pelo tráfico de drogas que acontece no bairro em que a escola está localizada, morrem dezenas de jovens/adolescentes, muitos conhecidos e parentes, que a mídia ou autoridades locais desvalorizam?

Na primeira situação existe uma guerra de poder e intolerância política/religiosa que dizima cidadãos inocentes e na segunda acontece o mesmo. A guerra do tráfico de drogas nada mais é que uma guerra pelo poder, pelo dinheiro, no qual jovens inocentes que nunca foram levados a pensar, reproduzem hábitos dos grupos dos quais pertencem. “É exatamente por isso que a responsabilidade é um dado existencial. Daí não pode ser incorporada ao homem intelectualmente, mas vivencialmente” (FREIRE, 1967, p.66).

Uma aula de respeito, ética, amorosidade, respeito às leis e muitos outros contextos possui testemunhas e saberes ricos em sala de aula que são desperdiçados devido ao messianismo ao conteúdo didático. Por este motivo mergulhar na realidade do aluno, dialogar coletivamente sobre ela provoca uma compreensão não vivida na individualidade, pois cidadania se aprende na prática. A reflexão possibilita a emersão do problema e o deslocamento para o lugar do outro, enquanto cidadão.

Experiência escolar exitosa precisa ser compreendida como aquele em que docente e o discente desenvolvem a consciência do seu papel na escola, na família e na sociedade. Concluem o período escolar exemplos de que “[...] só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isto mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido/apreendido em situações concretas.” (FREIRE, 1985, p. 6).

Na educação libertária, alunos e professores adquirem o hábito de pensar, de produzir teorias, reaplicar em situações distintas, perceber o mundo. Compreender que a matemática não resume-se a decorar tabuadas e formulas, pois pode colaborar com o controle do orçamento familiar; no português, uma virgula posicionada de forma errada, pode provocar constrangimentos.

A praticidade do conteúdo escolar deve ser posta em evidencia para que se faça sentido ir para escola, e não mais se perpetue o decorar (sem apreender), o ouvir (sem entender), o ver (sem perceber), fazendo com que os bancos das escolas sejam ocupados por objetos e não por seres inteligíveis, inacabados, capazes de transformar o mundo.

O estudo da escola voltou-se, de acordo com Charlot (2014), para se terem boas notas, passar de ano, ser aprovado no vestibular. Gasta-se tempo e oportunidade de diálogos/problematizações com prazos, provas conteúdistas, leituras despidas de realidade que empurram o aluno para a mesmice retórica dos livros, produzindo uma massa de sujeitos incapazes de confrontar o mundo, adaptáveis as inverdades absolutas praticadas.

Portanto, o entendimento do êxito escolar que prima pela busca do certificado de conclusão não leva em consideração que “quando a atividade escolar perde a sua especificidade, apenas sobra um trabalho alienado, quer se trate do aluno ou professor. E esse trabalho, temos de admiti-lo, é chato, muito aborrecido” (CHARLOT, 2014. P. 70).

Para que possamos compreender a atividade do educando x educador como atividade produtiva é necessária que ambos compreendam a necessidade da busca permanente pelo saber, enquanto conquista do eu, que se transforma dia após dia, com saberes e entendimentos diferentes por meio da relação com o eu, com o outro e com o mundo.

A leitura de textos dos autores Bernard Charlot e Paulo Freire com o intuito de problematizar a relevância da mensuração do êxito escolar no Brasil, nos trouxe a inquietação de questionar que tipo de êxito escolar estamos buscando para nossos jovens e a quem interessa o tipo da educação praticada no Brasil.

Aos pais interessa saber se seu filho tem boas notas e é aprovado para o ano seguinte; a escola quer apresentar resultados com baixos índices de reprovação e o poder público com o intuito de demonstrar o bom trabalho realizado no campo educacional, divulgando os dados para toda a sociedade.

Mensurar a educação não é tarefa simples. Decorar conteúdos e realizar provas com a finalidade de ter uma nota não quer dizer que o aluno está tendo um ganho educativo. O cérebro humano, desde o momento em que nascemos, é desenvolvido para reproduzir. Cientistas afirmam que o primeiro sorriso do bebê é uma mera reprodução da visualização de uma face sorridente.

A reprodução, do caso do bebê é positiva, pois ele está humanizando-se a partir da relação com os seus pais. Porém, no momento em que temos idade o suficiente para ter pensamentos próprios reproduzir atitudes e comportamentos do outro nos leva ao abismo da ingenuidade e da alienação.

Para Freire (1985, p. 38) “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. Portanto, uma aula expositiva em que o professor fala e o aluno ‘ouve’, sem diálogo ou problematizações, no momento da avaliação ocorrerá uma simples reprodução sem significado, com informações que serão esquecidas em dias ou horas.

A conclusão dos estudos nestes moldes será exitosa para que se perpetue a domesticação[[1]](#footnote-1) da nossa população diante das injustiças sociais, da corrupção que castiga nosso país, da crença das informações pregadas pela mídia, entre outras inverdades propagadas, que sem a prática da reflexão todos serão alvos fáceis da opressão que vem de cima pra baixo.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao final deste artigo refletimos que a educação é meio pelo qual ocorrem as mudanças, pois é por meio da educação que os sujeitos alcançam seus objetivos almejados, assim como se emancipam, constroem sua criticidade.

Mas para tal acontecimento ocorra se faz necessário que o educador respeite as experiências do educando, tenha paciência, amorosidade e acima de tudo criticidade e possa exercitar isso nos alunos. A obra de Freire intitulada Pedagogia da Autonomia visa contribuir com as necessidades urgentes no que tange o cerne da educação vigente. Permitindo ao educador uma reflexão crítica da sua metodologia empregada dentro de uma sala de aula.

A reflexão critica permite que o educador tenha humildade dos saberes inerentes as práticas, sem que se tenha um discurso ideológico ou tendencioso. No entanto, o educador na perspectiva freireana visa o diálogo, nas indagações e reflexões no que tange a busca de respostas, soluções para muitos questionamentos essenciais na vida do sujeito e isso irá constituir em uma práxis libertadora.

Ainda, de acordo com Freire (2002, p. 78) “somente os seres que podem refletir sobre sua própria limitação são capazes de libertar-se desde, porém, que sua reflexão não se perca numa vacuidade descomprometida, mas se dê no exercício da ação transformadora da realidade condicionante”.

**REFERÊNCIAS**

CHARLOT, Bernard, **Da Relação com o saber às práticas Educativas**, 2014

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**, 1985

\_\_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 2005

\_\_\_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários á prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_\_\_, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade.** E outros escritos. 10 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

Gil, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa sócia.** 6. ed. - São Paulo : Atlas,

2008.

NÓVOA, Antonio e FINGER, Mattias. **O método (auto)biográfico e a formação.** São Paulo/Natal. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. EDUFRN. 2010.

1. Termo utilizado pelo escritor Paulo Freire para nomear a educação alienante, que torna os sujeitos passivos frente ao mundo, adaptando-se a ele, e não agindo como ser da prática, da transformação. [↑](#footnote-ref-1)